

ECOCIBERNÉTICA SOCIAL: uma prooposta de nova educação

Waldemar De Gregori*

Introdução

O presente artigo tem a finalidade de, a partir de linguagem espontânea e descontraída, envolver o leitor para uma questão atual que se revela na crise de paradigmas e modelos de pensamento que estão acontecendo em todo o planeta. Objetiva-se no texto uma proposta do que denominamos paradigma-sistêmico-triádico, cuja visão proporcionalista descrita a seguir nos possibilita uma ampliação da visão educacional vigente na tentativa de implantar e abrir caminhos para uma nova educação.

O jogo da vida

A vida pode ser concebida como um jogo em que há dois competidores e uma assistência. Um competidor é o campeão oficial (subgrupo oficial), outro é o competidor desafiante (subgrupo anti-oficial); a assistência, que paga o espetáculo, é apenas torcedora a favor de um ou outro dos subgrupos, formando ela o subgrupo oscilante, disponível.

Esta é uma concepção triádica ou dialética sistêmica das forças que movem a realidade social. É sistêmica porque supõe interdependência, ciclos evolutivos, partidas sucessivas em que os participantes podem trocar de posição subgrupual, redirecionar o movimento, as pessoas, isto é, existe *feedback*. É triádica porque focaliza sempre três partes ou subgrupos, cada qual com posições, metas, funções, modos de participação diferentes, mas todos buscando o máximo de compensações, de vantagens.

No jogo triádico da vida, as compensações que cada subgrupo disputa são os meios de sobrevivência (alimento, abrigo, saúde, renda, formação, espaço, crenças, poder, *status*, vida eterna, etc). É o torneio da vida do

* Doutorado pela Escola de Sociologia e Políticas de São Paulo. Presidente da International Social Cybernetics Associates (ISCA). Fundador da ABC Social - CLN 103, Bloco A, Sala 45, Brasília.

qual todos participamos desde que nascemos. A maioria não se dá conta de sua posição no torneio das vantagens da vida, nem mesmo da existência do torneio; muito menos da percepção da equipe em que joga, do subgrupo ou classe em que foi escalado ao nascer! Saberá essa maioria a modalidade de jogo em que participa? Conhece as regras? Talvez desconfie que há muito jogo sujo e trapagens, porque a distribuição das vantagens quase nunca corresponde ao anunciado desde a infância. Mas segue no árduo e duvidoso processo competitivo de melhorar sua classificação, galgando todos os degraus de uma carreira ou de uma comunidade.

Quem são Nossos Treinadores para Este Jogo?

Nesta concepção da vida, da história, da sociedade, os educadores são nossos treinadores; a família e a escola são o campo de treinamento individual, subgrupual, de classe, para o maior êxito possível. A educação, seja ela escolar ou extra-escolar, presencial ou a distância, formal ou informal, pública ou privada, estatal ou eclesial, habilita cada criança ou cada classe nas diversas modalidades de jogo. Dá a conhecer as regras do jogo, faz acreditar nelas e conformar-se com os resultados. Ensina que há que jogar de novo, com novas estratégias lícitas e, aos poucos, com as ilícitas também.

Quem São os Donos do Jogo?

São os poderes máximos de uma sociedade, de uma cultura ou dos impérios do planeta. Na América Latina, são o Estado e a Igreja para os quais trabalham os educadores-treinadores.

O papel da educação, no jogo da vida no Brasil, pode ser visto em livros de formação histórica ou história da educação (Paiva, 19..).

Entretanto, Estado e Igreja não são autônomos para determinar o tipo de jogo e respectivas regras e respectivos ganhadores na América Latina. Aqui jogamos os jogos determinados pelas metrópoles civis e religiosas européias. Seus jogos derivam de códigos chamados paradigmas: cartesiano-capitalista e teocrático-cristão, respectivamente. Neste século, a América Latina tentou trocá-los pelo paradigma e jogo marxista-socialista.

A retrospectiva a seguir é decorrente de competição entre esses paradigmas e de jogos menores entre jogadores pertencentes a um mesmo paradigma.

Retrospectiva

Dentro do paradigma cartesiano-capitalista, o jogo triádico se dá entre EUA e Japão. Os educadores-treinadores do Japão parecem ter tido êxito ostensivo em seu trabalho de formar o homem-produtor. Melhoraram sua capacidade criativa (cerca de 40% das patentes industriais do planeta são japonesas); quase todos os japoneses dominam leitura dinâmica e métodos de aprendizagem acelerada, inclusive capacitação para ver videocassetes com o dobro da velocidade. Seus métodos de treinamento empresarial estão na moda em todo o planeta. Suas religiões como Sei-cho-no-iê, Igreja Messiânica, So-Ka-Gakai, Mahikari infundem otimismo e prosperidade em seus praticantes. Os métodos dão resultado.

Os fins é que são duvidosos. A finalidade é superar os EUA? É superar um complexo de derrotado de guerra? É supersatisfazer necessidades reais e artificiais por meios cada vez mais sofisticados? É espremer o japonês e torná-lo um super-homem? É fazê-lo feliz em suas relações familiares e empresariais⁹ Os Tigres Asiáticos seguem o mesmo exemplo.

Nos EUA, os educadores-treinadores estão sendo culpados pela derrota infligida pelos japoneses. Exigem uma reformulação em suas estratégias. As extensões tecnológicas do cérebro dos norte-americanos (televisão para o cérebro límbico-intuitivo; computador para o cérebro cortical-lógico; e os robôs para o cérebro reptílico-motor), parecem não alcançar os resultados alcançados pelos investimentos japoneses em estimulação dos três cérebros.

Diz-se que há uma crise de inteligência nos EUA. Em resposta, o governo Bush declarou a década de 90 como a década da investigação do cérebro (ou da importação de cérebros?). Vamos apostar no cérebro ou na inteligência artificial?

No bloco ex-socialista, o fracasso dos educadores-treinadores foi es-

trondoso. Haviam prometido formar o homem novo pelo novo paradigma marxista-socialista-paviloviano. Ganharam muitas medalhas em olimpíadas e em corridas espaciais. De repente não há produção, não há liderança, não há cidadania, nem paradigma, nem rumos. Qual era mesmo o projeto de jogo? Onde está a imensidade de jovens do Terceiro Mundo que recebeu treino educacional na ex-URSS? Que tipo de personalidade, de liderança, de trabalhador, de cidadão e de revolucionário se produziu?

A Europa, depois da fermentação socialista-reformista, esgotou-se em todos os campos. O movimento estruturalista passou; o movimento piagetiano não se complexificou; o movimento artístico-literário está estagnado; o movimento político progrediu rumo à integração européia; a filosofia e as religiões tornaram-se fundamentalistas. O movimento do Imaginário (de origem francesa e de inspiração sufi) tenta caminhar nessa direção.

A Educação ocidental-cristã, que formou os depredadores de todos os outros continentes, já conseguiu civilizar o europeu para ser mais sensato ecologicamente e internacionalmente? Conseguiu questioná-lo em seu paradigma, no modelo que espalhou pelo planeta, e levá-lo a algum compromisso de reformulação?

Na América Latina, em Cuba, os educadores-treinadores parecem ter sido surpreendidos em preparativos longos demais, retardando a entrada dos jogadores no sistema de produção. Indubitavelmente, a generalização do treinamento e o bom nível são um êxito. Resta saber qual será a adaptação desses jogadores se o jogo mudar, ou se-é possível sustentar o jogo atual. Afinal, qual é o jogo certo?

Nos demais países, os educadores-treinadores rivalizaram-se na preparação de jogadores para o jogo cartesiano-capitalista e marxista-socialista. O campo de batalha já deu seu veredicto: os jogadores cartesiano-capitalistas foram melhores, isto é, ganharam o jogo. Vitória de Pirro, em que poucos são os favorecidos e a maioria é perdedora. O esforço para despertar o pensamento crítico na maioria fracassou.

No Brasil, o teste foi a eleição presidencial. O teste continua com os índices negativos de desenvolvimento econômico, como em toda a América

Latina. Somos perdedores no jogo interno e no jogo com as metrópoles econômicas.

Como o sistema educacional havia sido praticamente avassalado pelos educadores do paradigma marxista-socialista, os donos do jogo cartesiano-capitalista dedicaram-se a esvaziá-lo por asfixia econômica e torná-lo improdutivo. Agora, trata-se de proceder ao expurgo e à substituição por treinadores leais ao paradigma cartesiano-capitalista no Estado, e por treinadores teocrático-fundamentalistas nos redutos religiosos.

Na educação informal, a maioria dos movimentos entrou em crise. As comunidades de base perdem o impulso; o sindicalismo fragmenta-se; as associações de moradores são dominadas por lideranças conversadoras; as filosofias espiritualistas orientais perdem força para os movimentos carismático-conservadores populares. A televisão reduz programas críticos e aumenta programas de anulação mental.

Os exames vestibulares atestam um rebaixamento de nível mental, crescente a cada ano. Crianças e jovens fogem cada vez mais da escola ou têm crescente aversão a ela. Os professores, idem.

Enfim, tivemos uma década perdida em desenvolvimento, o que significa também década perdida em Educação. A crise, entretanto, não é só da América Latina, nem só educacional. É crise planetária, é crise de paradigmas ou propostas de vida. Busca-se uma reformulação do jogo, uma redistribuição de jogadores, uma reciclagem do campo ecológico de jogo, com novas regras, novas finalidades e novos resultados. As universidades a distância, os currículos rurais resumidos, os currículos sazonalizados, as reformas educacionais, a aplicação dos métodos de qualidade **total**, as fundações de amparo à pesquisa, as teorias de recursos humanos, os projetos interdisciplinares, a ampliação das redes escolares, a merenda escolar, o Probasec, o Pronasec, a Unesco, a criação de ministérios de Ciência e Tecnologia, ministérios da Inteligência, nada disso reverteu a tendência decadente.

A Enfermidade se Chama Paradigma

Paradigma é o modo de sentir, entender e agir. É o modo de operar de

nosso cérebro. Chamava-se anteriormente "cosmovisão" ou teoria geral da história.

Existem diversas categorias de paradigmas. Paradigmas gerais ou globais como a teocracia, o capitalismo, o marxismo. Derivados de cada um deles existem os paradigmas específicos, aplicados a partes da realidade por profissionais especialistas. Quando se subdivide uma especialização obtém-se a hiperespecialização, um paradigma hiperespecializado.

A doença do mundo moderno ou pós-moderno está no paradigma geral e na sua fragmentação em paradigmas específicos e hiperespecíficos isolados, estanques, que já não podem recompor a unidade inicial e caminham para uma dispersão cada vez mais angustiante, apesar das tentativas de reintegração interdisciplinar. Neste momento, o planeta se debate, no Ocidente, entre uma miscelânea de paradigmas, formada pela coexistência do paradigma teocrático-cristão, o paradigma cartesiano-capitalista e o paradigma marxista-socialista, com mistura do paradigma árabe-islâmico e do oriental-budista. Juntos, formam um inconsistente mega-paradigma que não consegue abarcar e orientar o novo planeta da era da informática, da era espacial, da era da aldeia global.

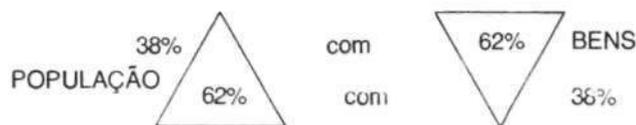
Há que partir, filosoficamente, em busca de novos paradigmas para perceber o mundo, sua origem energética, a evolução, o indivíduo, os grupos, a organização social, a economia, a sobrevivência global ecossistêmica.

A busca de um novo consenso ou de um novo paradigma vem sendo feita com a ajuda das teorias de sistemas, da ecologia e da cibernética eletrônica. Mas não são suficientes; é preciso reaproveitar os avanços que a dialética fez no campo das ciências sociais e humanas. Melhorando tudo um pouco e fazendo uma síntese integradora, chegamos à **cibernética social** que, aplicada ao cérebro no lado esquerdo, chama-se "Dialética Sistêmica"; no lado direito, chama-se "Ludomistética"; no lado central, chama-se "Proporcionalismo".

Trata-se de reinterpretar o planeta de todos e para todos, como um único e grande jogo triádico. A Ecologia é, sem dúvida, um jogo triádico. Quem"

formulou as leis do mercado, com certeza pressentiu o jogo triádico. **Quem** delineou o júri, captou o jogo triádico. Quem intuiu as forças divinas **como** trindade, intuiu o jogo triádico. Quem propôs a democracia, propôs uma forma de equilibrar os participantes de um jogo triádico. Agora isto tudo está redefinido, reassimilado pelo paradigma mais amplo da Cibernética Social, sob o conceito de "Princípio Unitriádico". Poder-se-ia chamar de Ecocibernética Social, porque traz implícita a idéia de ecologia social **ou** global, pois não se trata só de ozônio, de plantas e animais. Trata-se também da preservação do espécime humano, da família, dos grupos humanos verticais (classes), horizontais e transversais. Na abordagem triádica, cada subgrupo deve ser caracterizado segundo seu modo de operar **para** sair vencedor na conquista de meios de sobrevivência. O novo, o essencial, entretanto, é sua caracterização como MAIS POSITIVO (se busca aproximar-se do proporcionalismo) ou MAIS NEGATIVO (se busca a maximocracia, o máximo possível e sempre, para si). O Proporcionalismo aqui proposto baseia-se numa "lei" de auto-organização e **regulagem** da energia em sistemas - chamada média e extrema razão, ou divisão áurea, **ou** ponto de ouro -, encontrada nas medidas entre as partes do corpo humano, na arquitetura, na relação entre base e altura de livros, quadros, portas. Esta proporção se expressa pelo número 1,618 e seu inverso 0,618; significa que, em percentagens, fica aproximadamente em 38% por 62%.

Representando pois a população num triângulo sobre a base, e os meios de sobrevivência num triângulo sobre o vértico, temos:



Perspectivas

Enquanto um novo paradigma não prevalecer, a perspectiva é que a Educação vai continuar em sua rota de formação do homem-produtor de acordo com o paradigma cartesiano-capitalista, que é o que domina a miscelânea existente. Passaremos a ter mais teleeducação, educação in-

formatizada, educação superior-tecnificada. Passar-se-á a dar mais educação aos bichos de estimação, aos robôs. O específico do ser humano, seu humanismo, sua qualidade de vida, sua auto-realização, sua divinização, sua convivência afetiva, cooperativa, continuará fora de moda porque o paradigma dominante exclui esses pormenores... A escola será cada vez mais privatizada, o que significa redução de oportunidades para as camadas de menor renda.

Este é o plano do paradigma cartesiano-capitalista para a América Latina, concertado na reunião de ministros de Educação reunidos no Canadá. O vencedor da taça "capitalismo-elitista versus socialismo-popular" vai fazer um expurgo e vai reverter a anterior proposta de massificar a educação. Petos métodos que se estão aplicando - qualidade total, desperdício zero, kan-ban - o pretexto é atingir índices de produtividade japonesa na Educação. Menos mal.

O único obstáculo para atingir esses maravilhosos resultados é o cérebro da maioria dos brasileiros e da maioria dos latino-americanos. Pela teoria dos três conjuntos de funções mentais, nosso cérebro é eminentemente límbico-direito-intuitivo, pouco intelectual e ainda menos operacional, devido a nossa formação étnico-histórica: somos ibero-árabes, indígenas, africanos, e um vir-a-ser ainda em fermentação. Isto significa desenvolvimento mental infantil, lúdico-artístico. Temos uma grande população de sensitivos, população-alfa, idílica, lírica, mágica, ingênua, espontaneísta, crédula, anti-reflexão, antitrabalho, antidisciplina, antiesforço, antifuturo, entretida em milagrismo, charlatanismo, curandeirismo, adivinhação, desligada e alienada, antimoderna e anticívica (são cidadãos do "mundo espiritual"). Não há método japonês ou tecnológico que dê jeito nisso. Primeiro, porque seria preciso aceitar o novo paradigma sobre o cérebro e suas funções. Segundo, porque seria necessário desenhar um processo educativo a partir do diagnóstico do desenvolvimento mental local, regional, por classe social, por faixa etária. Isso é difícil porque supõe a aceitação de um novo paradigma global, incluindo política, economia, espiritualidade, e não só a renovação do paradigma educacional; pois as partes do sistema são interdependentes e hierarquizadas entre si. Significa que as perspectivas da Educação na América Latina continuarão as mesmas, enfeitadas de tecnologia, sem mudar na essência: os oscilantes

treinados em função de um reduzido subgrupo oficial, e todos treinados em função do fetiche tecnológico que promete ser uma galinha de ovos de dólares.

Perspectiva Alternativa

Já que do velho nasce o novo, do anterior nasce o posterior, dos pais nascem os **filhos** em safras sucessivas, sem fim, é de supor que dos paradigmas anteriores nascerão novos paradigmas que aos poucos tomarão o lugar dos passados ou produzirão novas miscelâneas que **engendrarão outras e outros**, sem fim. Os paradigmas têm sucesso ou não, de acordo com os subgrupos a que se dirigem, segundo as vantagens ou desvantagens que oferecem ou significam para uns e outros, independentemente de seu teor científico, do grau de realismo ou de bom senso. Continuamos, por enquanto, na lei da força e do mais forte.

Entretanto, pode-se conjecturar qual seria a perspectiva da Educação, caso o paradigma sistêmico triádico ganhasse espaço com sua proposta de **proporcionalismo**:

- A **cultura** seria antropocêntrica e não maquinocêntrica. O desenvolvimento monetarista seria substituído pelo proporcionalismo convencional (partimos da hipótese de que no planeta existe abundância ou suficiência de bens, e não escassez).
- O quadro de referência e a linguagem do novo paradigma sistêmico triádico substituiria o velho e capenga dicionário sócio-econômico de Adam Smith.
- A organização social (Estado, economia) seria descentralizada, invertida, tendo sua base principal no município e em sua ecorregião. A economia seria autogestionária, privada, formando redes sistêmicas reguladas dentro dos limites de 38% e 62% por um poder judiciário, permitindo livre movimento entre os quatro níveis de sobrevivência - minivivência, mediovivência, grandivivência, maxivivência - atendendo a necessidades e metas em 14 subsistemas (família/população, saúde manutenção, lealdade, lazer, viário, educação, patrimônio, produção, religioso, segurança, político-administrativo, jurídico, prestígio).

A nova Educação, que começa a ser chamada "Antropogogia", estaria centrada no desenvolvimento, capacitação e uso proporcional dos três cérebros em seus quatro níveis, correspondendo aos quatro níveis de sobrevivência nos 14 subsistemas. A educação para o primeiro grau deixaria de ser educação acadêmica, educação por disciplinas e matérias: seria pelo "currículo da vida" ou currículo da comunidade ou currículo pelo paradigma global, que são os mesmos 14 subsistemas. Só a partir do segundo grau a educação entraria pelo paradigma específico, por ser profissionalizante; e isso supõe domínio de conteúdos organizados em disciplinas ou teorias científicas. A educação de primeiro grau, com exceção da comunicação verbal-matemática, não precisaria de livros-texto; a televisão, as revistas em quadrinhos e a comunidade oferecem toda a informação sobre o currículo da vida pelos 14 subsistemas. Basta aprender a percebê-los e ordenar a informação, os sentimentos, as práticas de ação. A matriz do currículo da vida está neste esquema:

Subsistemas	Atividades
S01 - Família/ População	Educação para a integração homem/mulher. Escola de pais. Carreira de pai e mãe. Vida familiar. Divórcio, novos tipos de parentesco. Hétera e autocondução na família. Sociograma familiar.
S02 - Saúde	Auto-imagem fisio-bio-psíquica. Higiene, saúde. Medicina natural. INPS. Esperança (duração) de vida. Desdramatização da morte. Ecologia.
S03 - Manutenção	Nutrição, desalienação e adequação de nutrição, culinária, vestuário, consumo. Formação toxicológica.
S04-Lealdade	Vida afetiva, relacionamento grupai. Cooperativismo. Sindicalismo. Parceiros sociais e adversários sociais.
S05 - Lazer	Desfrute da vida. Educação Física. Curtição do corpo. Jogos. Folclore e artes locais.

S06 - Viário	Ensino da matemática "social". Comunicação verbal e não verbal, desdobramento da comunicação de massa e da propaganda. Leitura dinâmica. Dactilografia. Dinâmica de grupo. Educação a distância. Auto-escola. Educação para o trânsito.		mo e jogos triádicos destrutivos. Evolução e emancipação religiosa.
S07-Educação	Currículos e programas da vida, da comunidade, das profissões e não das ciências. Fluxograma evolutivo da personalidade. Formação para a auto-condução através de metas próprias para a vida. Utilização de calculadoras, TV, computadores. Educação profissionalizante, integração escola/empresa/comunidade. Exercício disciplinado da mente e seus processos lógicos, criativo e operacional. Hábitos de leitura, documentação, pesquisa. Histórico escolar de 1º e 2º graus, como substitutivo principal do vestibular. Reciclagem periódica como forma de educação permanente.	S11 - Segurança	Defesa pessoal. Auto-afirmação. Hábito de disciplina pessoal e grupai. Educação antiviolença. Prevenção de acidentes. Treinamento para emergências. A violência nos três subgrupos (incêndios, desastres) e defesa civil. O que é revolução, guerra. O que é repressão.
S08 - Patrimônio	Técnicas bancárias, comerciais. Negócios, acumulação de bens. Bem comum, impostos, inflação, drenagem da renda. Capitalismo. Socialismo. Educação anticorrupção, antiespoliação, antipobreza. Autoprovimento. Seguros e Previdência. Economia proporcionalista.	S12 - Político-Administrativo	Geografia e História a partir da comunidade. Educação comunitária. Educação política, democrática, antiditadura. A organização social teocrática, a capitalista, a socialista, e a que o Brasil precisa. Conscientização crítica dos três subgrupos. Partidos. Introdução à burocracia. Civismo. Liderança e participação nas organizações estudantis, e na gestão escolar.
S09 - Produção	Currículos e calendários regionalizados e conforme as estações. Oportunidades profissionais. Empregado, operário. Teste anual de gostos e aptidões. Educação para o trabalho. Tipos de empresas. Educação artística. Artesanato. Tecnologia da vida doméstica.	S13 - Jurídico	Documentação. Participação na feitura das normas. Direitos e deveres legais e morais dos cidadãos dos três subgrupos. Introdução ao feedback sistemático dos três subgrupos e vigilância intergrupos. Capacidade e honestidade em auto e heteroavaliação. Avaliação dos três processos mentais e do desenvolvimento da personalidade.
S10 - Religioso	Conhecimento de religiões. Técnicas para sair de si e ligar-se aos diversos níveis de realidade (alfa-místico, etc). Técnicas de energização. Formação de valores morais e sociais para controle do capitalis-	S14-Prestígio	Primazia da cultura nacional (deseuropeização desanquização da cultura). Educação estética. Auto-estética (qualidades e aprumo pessoais). Estilo de vida, etiqueta, protocolo. Celebração pedagógica e crítica do calendário civil, religioso, cultural, da região e do país. Organização de curriculum vitae.

Como se pode observar, este é um currículo por atividades, só que não aleatório: exige um quadro de referencia ordenador; caso contrário, tanto

o educador como o educando ficariam perdidos no caos criado pela saturação de estímulos e informação em que vivemos, sem nenhuma indicação de alternativas a escolher para chegar à autocondução, à emancipação familiar, ao autoprovisamento, à cidadania e convivência proporcionadas no jogo triádico da vida.

A vantagem deste currículo da vida é que pode ajudar a família e a escola a se reencontrarem e reconciliarem. Por agora estão em desacordo, mantendo currículos ocultos, muitas vezes em contradição. Como, entretanto, o currículo familiar precede o escolar, será indispensável criar algum processo de assessoria ao núcleo afetivo-familiar, mais eficiente que as louváveis Escolas de Pais e Associação de Pais e Mestres.

O poder de subgrupo oficial no núcleo afetivo-familiar está baseado na força psicológica e não na força física ou econômica. Esta é uma pouco eficiente arma masculina; aquela é uma eficientíssima arma feminina. Deduzimos daí que a mulher tem sido sempre o subgrupo oficial do núcleo afetivo-familiar embora implícito, sutil, ostentando estrategicamente uma piedosa fachada de aparente chefia machista. Destapando o jogo, a mulher é, geralmente, o subgrupo de poder no núcleo afetivo-familiar, compartilhado proporcionalmente com os demais familiares.

Isto nos conduz ao cerne da questão dos paradigmas que, afinal de contas, é uma questão feminina: paradigma é um produto do cérebro; e o cérebro é um produto feminino (mães, babás, tias, educadoras, catequistas, xuxas, etc).

Os programas básicos para o funcionamento dos três cérebros se desenvolvem da concepção aos cinco - sete anos de idade aproximadamente. Nesta fase, todos os cérebros são inconscientes, todos os cérebros estão em nível alfa (extremamente sensíveis e receptivos) e todos os cérebros estão sob cuidados predominantemente femininos. O trombadinha e o general têm programas mentais dados por mulheres; o capitalista e o proletário têm programas mentais dados por grã-financieiras e plebéias; o judeu e o islâmico têm programas mentais dados por judias e muçulmanas; capitalistas e socialistas têm programas mentais dados por mulheres. Quando esses homens se enfrentam e se guerreiam, estão

executando guerras femininas, com tecnologias femininas, com resultados para um subgrupo feminino e seus soldadinhos.

É o programa mental original da mulher foi dado por quem? É o arquétipo da energia, o padrão essencial da energia quântica, que é triádico, expansivo ao máximo (maximocracia) e por isso sempre em movimento, em novos ciclos de competição e cooperação, ou tese e antítese.

Este padrão básico se manifesta em nível biológico através da mulher, tendo o homem como acessório. Se a mulher, em geral, se elevasse a um nível superior de compreensão deste padrão, em lugar de simplesmente reproduzi-lo, como no capitalismo, poderia moderá-lo, redirecioná-lo, reconduzi-lo para os limites do proporcionalismo.

Por isso, as perspectivas alternativas de êxito de um novo paradigma global-holístico proporcionalista, e de um novo paradigma específico-educacional, dependem 62% da conscientização das novas funções e das novas aspirações que a mulher venha a ter na sociedade, principalmente no núcleo afetivo-familiar.

Isso também depende de condições culturais e materiais que ela venha a ter. Quando ela tiver condições econômicas próprias por si ou por remuneração de serviços materno-educacionais (não haja estranheza: não se pagam professoras? não se pagam babás e empregadas domésticas? não se pagam psicólogas, terapeutas e enfermeiras?), poderá deixar de dominar marido e filhos, educará os filhos não para sua segurança futura, mas para a vida deles, para sua autocondução. Quando ela aprender a valorizar-se, a relacionar-se afetivamente e a sexuar em todas as idades, isto é, a obter fontes de energia sempre, não precisará reter afetivamente os filhos e tornar-se sogra difícil. Não precisará programar os filhos e filhas para a disputa maximocrática, só para ganhar das outras; bastará educar para o proporcionalismo, etc, etc.

Esta perspectiva alternativa para a educação fundamental não exige muito investimento em ampliação de espaços escolares. Estes se tornariam apenas centros de exercícios em comunicação verbal-matemática, estimulação e avaliação periódica de habilidades dos três cérebros; cen-

tros de orientação, de supervisão, de relacionamento grupai, com muito menos tempo de permanência. Os professores poderiam deslocar-se para junto de pequenos grupos ao redor de uma televisão.

Isto é muito menos utópico do que CIEPs e CIACs, que estão confundindo assistência social monumental com desenvolvimento mental qualitativo.

O desafio inicial seria a preparação de educadores dentro deste paradigma. É apenas questão de vontade política junto às universidades e seus centros de formação. Algumas poucas faculdades pedagógicas por vez, em cada estado ou região, suspenderiam vestibulares para pedagogia por alguns anos para reformular-se e reciclar seus professores. Estes, depois, formariam os educadores de pré e primeiro grau pelo "currículo da vida".

As perspectivas para a educação de terceiro grau, em primeiro lugar, são de privatização como manda o figurino do paradigma cartesiano-capitalista. Em segundo lugar, não há sinais de que se consigam desfazer as muralhas da especialização entre as diversas profissões e disciplinas, mantido o atual paradigma que manterá as funestas conseqüências ecológico-sociais da especialização.

Pelo paradigma proporcionalista, cada profissão e cada disciplina teria como contexto e metalinguagem os 14 subsistemas ou algo parecido que representasse a globalidade; dentro dele se localizaria a profissão como um eixo específico, mas sendo sempre apenas um ângulo de abordagem do global, ao qual se dedicaria aproximadamente 62% do tempo e esforço, dedicando-se outros 38% aos raios ou ramificações que levam do eixo à globalidade. Com isso teríamos o especialista com seu paradigma específico (linguagem profissional) situado e orientado no paradigma global, dominando também uma metalinguagem para comunicação supraprofissional e supradisciplinar.

A mesma perspectiva se aplica ao quarto e quinto graus e à investigação. A dispersão, a aleatoriedade e a ideologização da pesquisa são decorrências do paradigma isolacionista, hiperespecializante do cartesianismo-capitalismo ao qual não se conseguiu, ainda, fazer uma terapia epis-

temológica efetiva, e que continua a manifestar-se em seus presupostos positivistas, mecanicistas, funcionalistas, darwinistas, etc.

A metodologia científica pode ser reformulada em metodologia do cérebro triádico para o *feedback* (informação, criatividade, ação), condensada no esquema "Ciclo Cibernético Mental", acrescido de todos os refinamentos matemático-estatístico-logísticos para cada uma de suas 10 etapas (De Gregori, '1988)

Nenhuma reunião dos sete ou dos 20 grandes do planeta, para negociar uma nova ordem internacional, vai tratar da troca de paradigma, porque eles têm viseiras impeditivas.

Organizar um novo paradigma não é exclusividade de ninguém e quem quiser tentar poderá fazê-lo. A experiência mostra que não é tarefa para uma só pessoa. Uma revolução científica é convergência de esforços e contribuições de muitas pessoas e não unicamente da pessoa que primeiro publique um livro sobre ela (Kuhn, 19..).

Depois de se atingir a formulação razoável e coerente de um paradigma, o problema é sua difusão de aceitação, pois as estruturas sociais e os subgrupos criados em cima do paradigma anterior e ainda vigente tratarão de defender-se. Seria possível um novo pacto filosófico, um pacto do conhecimento? Ou será necessário estabelecer primeiro uma luta cultural e ideológica até chegar a uma luta armada, como aconteceu com a implantação do cristianismo, do islamismo, da revolução lburguesa, da socialista? Teremos chegado ao fim das ideologias ocultas e revoluções armadas, para entrarmos numa nova era de pactos culturais, políticos e econômicos negociados civilizadamente?

O Proporcionalismo é uma proposta de revolução mental; sua força revolucionária será primordialmente feminina; sua estratégia será eminentemente educacional, antropológica.

Os resultados?

Uma perspectiva é de vazio de propostas, vazio de alternativas, esvazia-

mento das possibilidades de vida a médio prazo; outra é de troca de paradigma, criação de novas esperanças, de novos rumos de coexistência e convivência ecossistêmica, global, proporcionalista para todos. O planeta terá ,que aprender a orientar sua evolução neste novo ciclo. Ainda não sabe;'ainda não sabemos.

Referências Bibliográficas

1. PAIVA, Vanilda. **Educação popular e educação de adultos:** contribuição à história da educação brasileira. São Paulo: Loyola, 1973.
2. KUHN, Thomas. **Estrutura das Revoluções Científicas**, (s.l.: s.n., 19..).

3. MEDINA, Cremilda (org.). **O Novo Pacto da Ciência**. S. Paulo, ECA-USP, 1991.
4. DE GREGORI, Waldemar. **Educação Comunitária** do Oprimido, do Opressor, do Revolucionário da América Latina. Anápolis, Anapolina, 1988.
5. _____ **Sociologia Política Pós-Capitalista, Pós-Socialista**. Anápolis, Edigraf, 1990.

Educação popular e educação de adultos: contribuição a história da educação brasileira. São Paulo: Loyola, 1973.